

Havendo muita discussão, levantou-se Pedro e disse para eles: varões Irmãos, vós compreendeis que desde [os] primeiros dias Deus [me] escolheu, dentre vós, para ouvirem através da minha boca a palavra do evangelho, e crerem. E Deus, que conhece os corações, testemunhou, dando-lhes o Espírito Santo como também a nós [foi dado]. [Em] nada distinguiu entre nós e eles, purificando os corações deles pela fé. Agora, portanto, por que testais a Deus, ao colocar sobre o pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos Pais nem nós pudemos carregar. Mas cremos ter sido salvos pela graça do Senhor Jesus, do mesmo modo que eles.

Atos
15:7 a 11

86

A exortação de Pedro

Quando o ex-pescador reconheceu que as divergências prosseguiriam indefinidamente, levantou-se e pediu a palavra, fazendo a generosa e sábia exortação de que os *Atos dos apóstolos* (15:7 a 11) fornecem notícia:

— Irmãos — começou Pedro enérgico e sereno —, bem sabeis que, de há muito, Deus nos elegeu para que os gentios ouvissem as Verdades do Evangelho e cressem no seu Reino. O Pai, que conhece os corações, deu aos circuncisos e aos incircuncisos a palavra do Espírito Santo. No dia glorioso do Pentecostes as vozes falaram, na praça pública de Jerusalém, para os filhos de Israel e dos pagãos. O Todo-Poderoso determinou que as verdades fossem anunciadas indistintamente. Jesus afirmou que os cooperadores do Reino chegariam do Oriente e do Ocidente. Não compreendo tantas controvérsias, quando a situação é tão clara aos nossos olhos. O Mestre exemplificou a necessidade de harmonização constante: palestrava com os doutores do Templo; frequentava a casa dos publicanos; tinha expressão de bom ânimo para todos os que se baldavam de esperança; aceitou o

derradeiro suplício entre os ladrões. Por que motivo devemos guardar uma pretensão de isolamento daqueles que experimentam a necessidade maior? Outro argumento que não deveremos esquecer é o da chegada do Evangelho ao mundo, quando já possuíamos a Lei. Se o Mestre no-lo trouxe, amorosamente, com os mais pesados sacrifícios, seria justo enclausurarmo-nos nas tradições convencionais, esquecendo o campo de trabalho? Não mandou o Cristo que pregássemos a Boa-Nova a todas as nações? Claro que não poderemos desprezar o patrimônio dos israelitas. Temos de amar nos filhos da Lei, que somos nós, a expressão de profundos sofrimentos e de elevadas experiências que nos chegam ao coração por meio de quantos precederam o Cristo, na tarefa milenária de preservar a fé no Deus único, mas esse reconhecimento deve inclinar nossa alma para o esforço na redenção de todas as criaturas. Abandonar o gentio à própria sorte seria criar duro cativeiro, em vez de praticar aquele amor que apaga todos os pecados. É pelo fato de muito compreendermos os judeus e de muito estimarmos os preceitos divinos, que precisamos estabelecer a melhor fraternidade com o gentio, convertendo-o em elemento de frutificação divina. Cremos que Deus nos purifica o coração pela fé, e não pelas ordenanças do mundo. Se hoje rendemos graças pelo triunfo glorioso do Evangelho, que instituiu a nossa liberdade, como impor aos novos discípulos um jugo que, intimamente, não podemos suportar? Suponho, então, que a circuncisão não deva constituir ato obrigatório para quantos se convertam ao amor de Jesus Cristo, e creio que só nos salvaremos pelo favor divino do Mestre, estendido generosamente a nós e a eles também.

At
15:7 a 11

(Paulo e Estêvão. FEB Editora. Segunda parte — Cap. 5, p. 347 a 348)